



<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/cartoes-postais-piracicaba/>

Cartões postais para o rio Piracicaba: grafias, memórias e transbordamentos

Fernando Monteiro Camargo[1]

RESUMO: Este texto explora a criação de cartões postais do rio Piracicaba, como parte da pesquisa de doutorado sobre a biografia e etnografia do rio. Os postais são entendidos como dispositivos de memória e afetos, que vão além de simples registros visuais, funcionando como formas de resistência e ativadores de novas relações. Inspirado por pensadores como Walter Benjamin, Ailton Krenak e Georges Didi-Huberman, o estudo propõe uma visão do rio como um ser vivo, que comunica, transborda e resiste à lógica capitalista de exploração. Ao serem manuseados e distribuídos, os postais reconfiguram memórias e ampliam os sentidos do rio, desafiando narrativas lineares e fixas. Como fragmentos móveis, eles provocam uma experiência compartilhada, possibilitando novas conexões e interpretações. O texto defende que, ao interagir com os postais, o rio e suas histórias são reativados, permitindo uma compreensão mais fluida e afetiva de suas águas e suas transformações.

Palavras-chave: Cartões postais. Rio Piracicaba. Memória. Afetos. Resistência.

Postcards for the Piracicaba River: Writings, Memories, and Overflows

ABSTRACT: This text explores the creation of postcards of the Piracicaba River as part of a doctoral research on the biography and ethnography of the river. The postcards are understood as devices of memory and affection, going beyond simple visual records to function as forms of resistance and activators of new relationships. Inspired by thinkers such as Walter Benjamin, Ailton Krenak, and Georges Didi-Huberman, the study proposes a vision of the river as a living entity that communicates, overflows, and resists the capitalist logic of exploitation. By being handled and distributed, the postcards reconfigure memories and expand the meanings of the river, challenging fixed and linear narratives. As movable fragments, they provoke a shared experience, enabling new connections and interpretations. The text argues that by interacting with the postcards, the river and its stories are reactivated, allowing for a more fluid and affective understanding of its waters and transformations.

Keywords: Postcards. Piracicaba River. Memory. Affection. Resistance.



Um gesto, um objeto, uma imagem podem nos arremessar ao passado e fazê-lo presente. Marcel Proust (2003), ao se debruçar para descalçar os sapatos, foi acometido por uma enxurrada de memórias involuntárias, assim como a sua famosa Madeleine que, mergulhada no chá, evocava tempos e espaços esquecidos. Algo semelhante pode ocorrer quando manuseamos um cartão postal: ao tocá-lo, ao virar a imagem, ao percorrer a grafia impressa ou manuscrita, ao nos debruçarmos sobre eles, somos atravessados por vestígios de experiências, histórias e afetos. O objetivo aqui é mostrar e refletir sobre a experiência de construção de cartões postais do rio Piracicaba, que emergiram como parte da minha pesquisa de doutorado, intitulada “Vida, escrita e transbordamentos: biografias e etnografia do rio Piracicaba”, realizada no Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais da Unicamp[2]. Os cartões postais aqui apresentados não são apenas registros visuais ou documentos do rio Piracicaba, mas foram criados como dispositivos de memória e ativadores de relações. Como grafias do rio (ou porque não dizer “dos rios”), eles buscam prolongar trocas silenciosas, afetos, sonhos, pesadelos, medos, tristezas e revoltas, instaurando novos modos de ver e sentir com o rio.

Percebendo que o rio Piracicaba não é apenas um curso d’água, mas um emaranhado de relações, uma malha viva em constante transbordamento. Sua experiência não é empiricamente observável, mas, podemos observar e narrar as expressões de sua experiência e partir disso, estabelecer outras experiências. Inspirado por Geneviève Azam (2020) e Ailton Krenak (2019), procuro, com os cartões postais, escapar da visão instrumental do rio como mero recurso hídrico, para compreendê-lo como um ser que comunica, que negocia, que resiste. Os postais são, portanto, uma tentativa de dar corpo a esse transbordamento, ou melhor dizendo, de transbordar os transbordamentos do rio – não apenas como metáfora, mas como método. Eles operam como fragmentos móveis, deslocáveis, recombinaíveis, tal como o fluxo das águas que, no movimento, aproximam vidas e promovem afetos.

Os cartões postais do rio Piracicaba não são apenas imagens fixas, mas gestos de inclinação. Eles estão no fluxo da vida e nesse movimento provocam gestos. Como nos lembra Georges



Didi-Huberman (2019), pensar como as imagens (sejam elas quais forem) é um movimento de debruçar-se, um gesto corporal que envolve aproximação e escuta para ver melhor. Não se trata de dominar um objeto de estudo à distância, mas de aceitar a vertigem que vem do contato, da relação. O ato de construir esses postais implicou essa mesma inclinação: olhar com o rio não de um ponto de vista seguro, mas deixando-se levar por seus fluxos, seus transbordamentos, seus desvios inesperados. Levar a sério o que o rio tem a nos dizer é reconhecer que a instabilidade de suas águas nos revela outras perspectivas.

Ao fotografar, desenhar, montar e remanejar as imagens em cartões postais, minha posição nunca foi a do observador externo que captura e fixa. Era preciso aprender a hesitar, a recuar, a permitir que o rio e suas imagens também me olhassem de volta. Nesse sentido, a criação de postais como vestígios de um rio passado, são operadores de um pensamento em movimento – pequenas superfícies de contato que desestabilizam certezas e convidam a novos modos de ver e de imaginar.

Como propõe Didi-Huberman (2019), ver é sempre ver com, e não simplesmente ver algo. Os cartões postais, ao serem manuseados, distribuídos e reativados por diferentes mãos e olhares, instauram uma experiência compartilhada. Se pensar é se inclinar, então o gesto de criar e distribuir postais é também uma forma de pensamento debruçado: uma tentativa de escutar as narrativas do rio, de prolongar seus transbordamentos, de abrir-se à incerteza do que pode emergir quando nos deixamos afetar.

Se há algo que define os cartões postais, é sua portabilidade. Eles atravessam tempos e espaços, carregando consigo memórias e afetos de quem os envia e de quem os recebe. Em minha pesquisa, os postais surgiram como um desbordamento da construção do “Atlas biografia do rio Piracicaba” (www.biografiariopiracicaba.com.br), um projeto que reuniu materiais diversos – histórias, imagens, registros de jornais, relatos orais – e os organizou em verbetes. Uma biografia em forma de atlas. Cada verbete é composto por uma imagem principal, um texto, uma vídeo-instalação e um carrossel de imagens.

As imagens principais foram criadas a partir da imagem principal dos verbetes. Feita de fotografias que fiz do rio, imagens de arquivos e desenhos feitos por Laura Lino (companheira de vida e



pesquisa), essas imagens tornam-se novas grafias do rio, pequenos vestígios de um corpo d'água que escapa à captura. O verso do cartão postal contém o título do verbete, os desenhos das constelações que o relacionei e um Qr Code para acessar o conteúdo do verbete online.

Os postais, assim como os verbetes do atlas, são construídos como montagens. Walter Benjamin (2006) nos ensina, em *Passagens*, a ler a história a contrapelo, desafiando narrativas lineares e abrindo espaço para o fragmentário, para os lampejos que emergem entre os destroços. Didi-Huberman (2011), ao falar dos vagalumes, evoca essa mesma ideia: são luzes frágeis, intermitentes, que resistem na escuridão. Os cartões postais operam nesse regime: são pequenos vagalumes que fazem ver o rio de maneiras outras, lampejos de memória que resistem à lógica capitalista que enxerga no rio apenas um recurso a ser explorado.

Miriam Moreira Leite (1993), em *Imagens da Memória*, discute como as fotografias e os textos atuam como ativadores de lembranças, desorganizando o tempo e instaurando novas conexões. Seus estudos sobre álbuns de família mostram que as imagens não são meros registros do passado, mas dispositivos móveis, sujeitos a novas recombinações e interpretações. Os cartões postais criados com o rio Piracicaba podem ser pensados dentro dessa lógica: ao serem manuseados, deslocados, combinados de diferentes formas, eles constroem novas constelações de sentido. Assim como uma fotografia de infância pode, subitamente, evocar um tempo perdido, os postais podem convocar lembranças de outros rios, outras águas, outras histórias e outras experiências.

Os álbuns de família, segundo Moreira Leite (1993), não possuem uma linearidade rígida; ao contrário, são organizados e reorganizados ao longo do tempo. Nos cartões postais, há também essa abertura: podem ser dispostos de diferentes formas, criando narrativas mutáveis. Além disso, como observa a autora, as fotografias carregam tanto a presença quanto a ausência: capturam um instante, mas evidenciam a passagem do tempo, aquilo que já não está mais lá. Os cartões postais do rio Piracicaba operam nessa mesma lógica paradoxal. São imagens do rio (feitas com o rio), mas também de sua transformação, de seus transbordamentos, de sua fragilidade.

A construção do “Atlas biografia do rio Piracicaba” me levou a experimentar diferentes formas de visualização. Inspirado na ideia de constelação de Benjamin (2006), percebi que os verbetes não



deveriam ser organizados de maneira fixa, mas sim permitir múltiplos percursos. Assim, surgiram as constelações de imagens – agrupamentos que emergem a partir dos transbordamentos entre os verbetes. Essas constelações não são categorias rígidas, mas modos de perceber as relações entre o rio, as experiências e as histórias que o atravessam.

No processo de criação das imagens dos postais, houve também um transbordamento material: fotografei, selecionei, recortei, montei, escaneei, desenhei, sobrepus imagens. Algumas perguntas ficaram: O que acontece quando uma imagem do rio encontra suas próprias águas? Como perguntar ao rio sobre sua própria imagem, deixá-lo intervir e ressignificar aquilo que expresso nos postais?

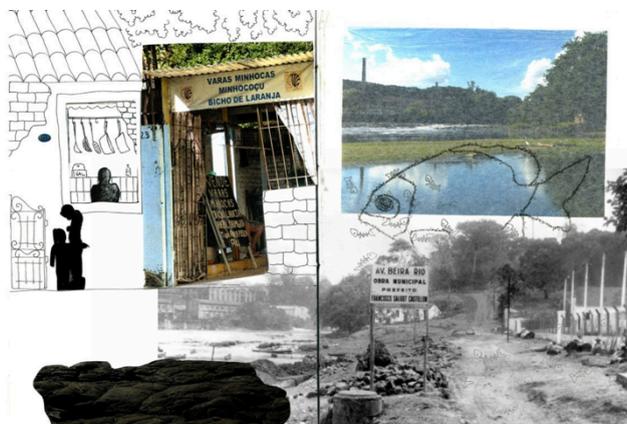
Construir postais a partir dos materiais encontrados e criados com o rio, me fez lembrar o que Benjamin (2006) escreve sobre o historiador materialista: ele não narra os fatos “como realmente aconteceram”, mas os recoloca em novas montagens, fazendo emergir seus lampejos. O mesmo ocorre com os cartões postais. Ao invés de serem registros fixos do rio, eles convidam ao jogo, ao deslocamento, à reconfiguração constante. São fluxos de um rio que não se deixa capturar, que escapa, que resiste.

Os cartões postais do rio Piracicaba são, portanto, grafias do rio, dispositivos de memória e afeto, formas de resistência ao apagamento e à exploração. Eles prolongam trocas silenciosas, convidam à experimentação, instauram novas relações. São pequenas luzes – vagalumes benjaminianos – que piscam no escuro, lembrando-nos de que o rio está vivo, de que suas águas carregam histórias que precisam ser contadas e recontadas. Toda vez que alguém toca um desses postais, algo se move. Como a Madeleine de Proust (2003), eles podem evocar memórias esquecidas, reativar afetos, criar novas constelações. São lampejos de um rio que insiste em continuar a fluir, escapando das margens e nos convocando a mergulhar.



Festa do Divino Espírito
Santo de Piracicaba





Piracicaba - SP

CONTROLE TRANSBORDAMENTOS

AV. DEINA DIO
1000 RONDONIA
PIRACICABA
13505-000



Pescadores

ASSOMBRAÇÃO COMUNICAÇÃO

A collection of horizontal dashed lines on the right side of the page, intended for handwritten notes.



Peixes

ASSOMBRÃO **TRANSBORDAMENTOS**

QR Code

Handwriting lines



Secas

CONTROLE **TRANSBORDAMENTOS**

QR Code

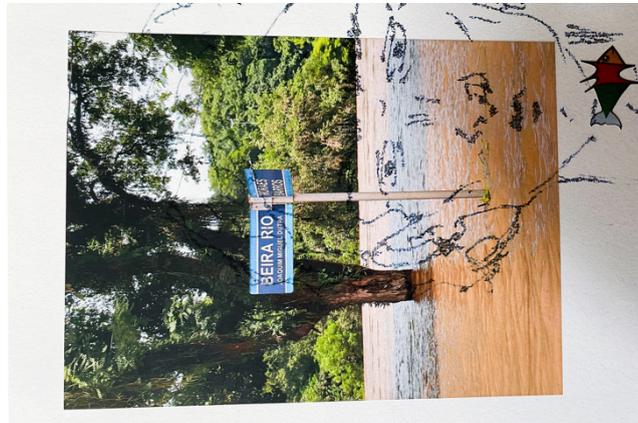


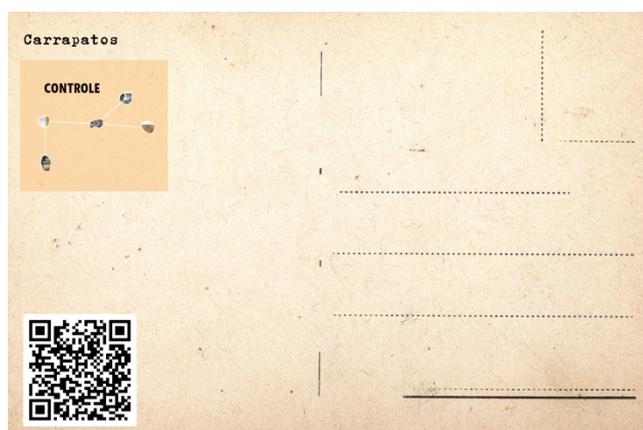
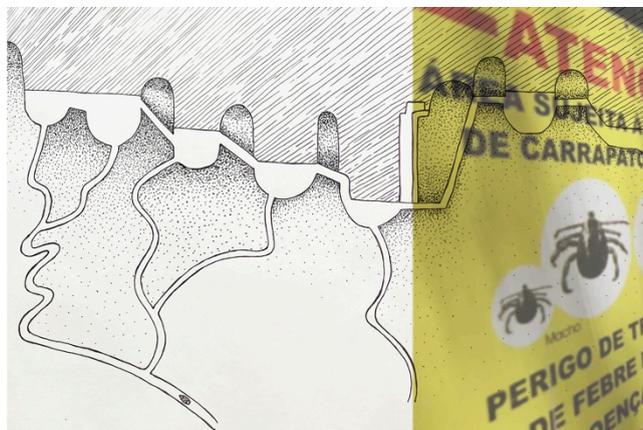
Rua do Porto

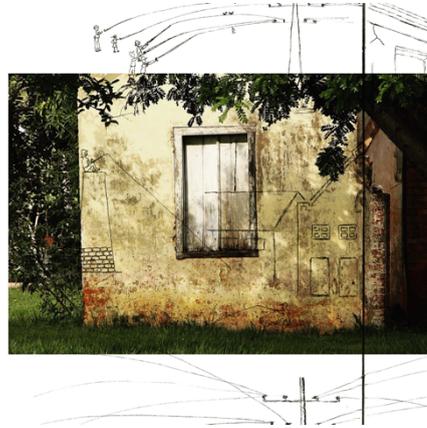
COMUNICAÇÃO TRANSBORDAMENTOS

A series of horizontal dashed lines for writing, with a solid line at the bottom.









Lendas

ASSOMBRAÇÃO



A template for a legend on aged paper, featuring a title 'Lendas', a sub-title 'ASSOMBRAÇÃO', a small diagram, a QR code, and several horizontal dashed lines for text.



Enchentes

ASSOMBRAÇÃO TRANSBORDAMENTOS



A template for a legend on aged paper, featuring a title 'Enchentes', two sub-titles 'ASSOMBRAÇÃO' and 'TRANSBORDAMENTOS', a small diagram, a QR code, and several horizontal dashed lines for text.



Elias dos Bonecos

ASSOMBRAÇÃO COMUNICAÇÃO

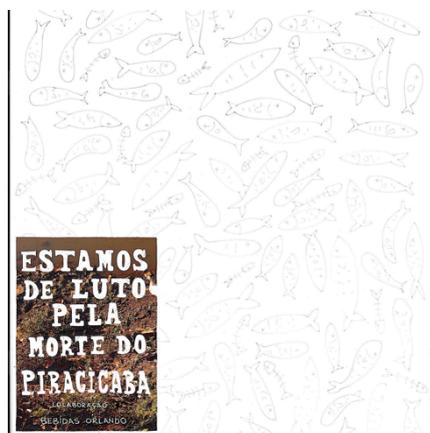
Below the QR code and diagram, there are several horizontal dashed lines on a textured, light brown background, suggesting a space for text or a form.



Protestos

ASSOMBRÃO

A collection of horizontal dashed lines for writing, with a solid line at the bottom.



Bibliografia

AZAM, Geneviève. Carta à Terra. São Paulo: Elefante, 2020.

BENJAMIN, Walter. Passagens. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

DIDI-HUBERMAN, Georges. Sobrevivência dos vagalumes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

Didi-Huberman, Georges. Pensar Debruçado. Tradução de Mário L. L. de A. Lemos. São Paulo: Editora 34, 2019.

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LEITE, Miriam Moreira. Imagens da memória: fotografia e história no Brasil. São Paulo: Edusp, 1993.

PROUST, Marcel. Em busca do tempo perdido: No caminho de Swann. Tradução de Fernando Py. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.



Recebido em: 15/02/2025

Aceito em: 15/05/2025

[1] Universidade Estadual de Campinas - Unicamp. Email: camargo.fmc@gmail.com

[2] Tese de doutorado intitulada "Vida, escrita e transbordamentos: biografias e etnografia do rio Piracicaba", realizada no Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) financiada com bolsa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/1341440>